

JESUS E A SAÚDE DO POVO

Uma abordagem sociorreligiosa de Mc 1,21-39

*João Luiz Correia Júnior**

Resumo

As narrativas dos evangelhos, baseadas em tradições elaboradas por comunidades primitivas vinculadas a Jerusalém, realçam a atividade pública de Jesus com um caráter marcadamente terapêutico. Assim acontece no Evangelho de Marcos, com a narrativa sobre o início da ação missionária de Jesus (Mc 1,21-39), a qual, submetida à análise literária, neste artigo, leva a um aprofundamento da reflexão sobre a prática de Jesus em prol da saúde de seu povo. E Jesus o faz, não sozinho, mas com um grupo de amigos e amigas, curando as pessoas e promovendo a saúde pública por meio de seu ensinamento prático, voltado para a preservação da vida em plenitude.

Abstract

The gospels narratives, based in traditions developed by primitive communities linked to Jerusalem, enhance Jesus' public activity as notoriously therapeutic. The narrative of the beginning of Jesus' missionary action (Mark 1,21-39), submitted for literary analysis in this article, leads to a deeper reflection about Jesus' practice for the health of his people. And Jesus does it, not alone, but with a group of friends, healing people and promoting public health by a practical teaching, aimed at preservation of life in fullness.

Introdução

Ao lermos as narrativas dos Evangelhos, de modo especial o Evangelho de Marcos, percebemos que a atividade pública de Jesus é marcadamente terapêutica, voltada para a recuperação da saúde física e mental de homens e mulheres. As repercussões dessa atuação tocam diretamente na vida dessas pessoas, reintegrando-os à vida familiar e comunitária.

O presente artigo tem como objetivo estudar a ação de Jesus em prol da saúde do povo, a quem servia em seu ministério. Para tanto, partimos da análise literária da pri-

* Teólogo e biblista. Professor do Curso de Teologia e do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br

meira narrativa sobre a atividade missionária de Jesus no Evangelho segundo Marcos (1,21-39).

Aproximemo-nos dessa narrativa, observando seus paralelos e seus aspectos mais importantes do ponto de vista dos estudos bíblicos. Num primeiro momento, apresentamos a unidade literária (ou perícopo) de Mc 1,21-39 em sua estrutura interna, num esquema quiásmico (em forma de paralelos) para, com apoio de bibliografia especializada, analisarmos literariamente os detalhes mais importantes de cada uma das partes correlacionadas: A x A'; B x B'; C x C'. Num segundo momento, ressaltamos alguns aspectos hermenêuticos, dentro do objetivo que nos propomos trabalhar: analisar a prática terapêutica de Jesus voltada para a restauração da saúde do povo, tanto no ambiente público, como privado.

1. A narrativa de Mc 1,21-39

O evangelista Marcos apresenta logo no início do seu evangelho a descrição do início do ministério de Jesus por meio de uma narrativa intensa, cuja ação do pregador itinerante se desenvolve dentro de um determinado enquadramento¹:

- Enquadramento de lugar. A narrativa nos remete ao Mar da Galileia, onde Jesus congrega em torno de si as primeiras pessoas que constituirão seu discipulado (1,16-20). Em seguida, dirige-se com esse grupo para Cafarnaum e ali realiza a primeira atividade pública do seu ministério (1,21-39), objeto do nosso estudo. O v. 39 é uma sinopse não só do que Jesus faz (ensinamentos e curas), mas também de onde ele faz: cidade, sinagoga, casa, deserto, aldeias, região da Galileia.
- Enquadramento de tempo. Usando a ficção de um período de 24 horas, Marcos começa no sábado (1,21), passa pelo anoitecer (1,32) e entra pela manhã cedo do dia seguinte (1,35).
- Enquadramento social. A missão de Jesus é voltada para as pessoas com problemas de saúde. Um homem, com problemas mentais (posseço); uma mulher, com problemas corporais (febre); pessoas com enfermidades (diversas doenças).

Assim, dentro de uma proposta esquemática, aproximemo-nos da narrativa de Mc 1,21-39. Utilizamos a tradução da Bíblia de Jerusalém².

1. Baseio-me aqui em MARGUERAT, Daniel; BOURQIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas* – Iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009, p. 97.

2. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

A

²¹ Entraram em Cafarnaum

B

e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava.

²² Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

C

²³ Na ocasião, estava na sinagoga um homem possuído de um espírito impuro, que gritava, dizendo:

²⁴ “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus!”

²⁵ Jesus, porém, o conjurou severamente: “Cala-te e sai dele!”

²⁶ Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o.

²⁷ Todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: “O que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!”

²⁸ Imediatamente a sua fama se espalhou por todo lugar, em toda a redondeza da Galileia.

²⁹ E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e André, com Tiago e João.

C'

³⁰ A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o mencionaram a Jesus.

³¹ Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los.

³² Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. ³³ E a cidade inteira aglomerou-se à porta.

³⁴ E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios.

Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois eles sabiam quem era ele.

³⁵ De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava.

B'

³⁶ Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos ³⁷e, quando o acharam, disseram-lhe:

“Todos te procuram.”

³⁸ Disse-lhes: “Vamos para outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí.”

³⁹ E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios.

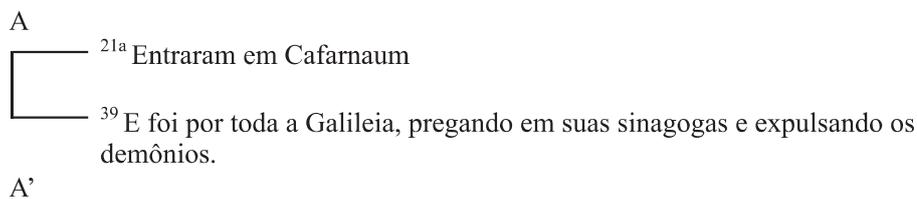
A'

A partir dessa estrutura em paralelos, analisemos a narrativa.

Todo esse movimento parece fortuito, contudo ele constitui um catálogo de coordenadas simbólicas cuja chave de interpretação deve ser descoberta por meio de uma leitura atenta do texto³.

1.1 Abertura e conclusão da narrativa: $A \times A'$

Os versículos 21a e 39 formam como que uma moldura, que faz um enquadramento de lugar da narrativa.



Marcos menciona, de início (v. 21), Cafarnaum como o local para onde Jesus e seus adeptos se dirigiram no início de uma missão itinerante. Tal atividade, no final, se expande por toda a Galileia (v. 39).

Cafarnaum

O centro da atividade pública de Jesus ficava na margem norte do Mar da Galileia, onde ele chamou seus primeiros discípulos (Mc 1,16ss). Em Cafarnaum, cidade dessa região, Jesus teve boa acolhida na casa de Pedro (Mc 1,29; 9,33) – e também provavelmente uma base para a sua atividade itinerante, que partiu dali⁴.

Do ponto de vista literário, contextualizar geograficamente a ação do protagonista de uma cena é uma estratégia narrativa importante, pois confere não só um efeito de realidade e plausibilidade à narrativa, como também sugere um movimento que pode ser continuado pelo leitor inserido naquele contexto, ou em situações semelhantes em outro contexto histórico-geográfico.

Tal ação contextualizada é algo que suscita (em quem escuta a narrativa ou em quem lê o texto) a ideia de que a ação de Deus está acontecendo na história, por meio do seu profeta fiel, em situação geograficamente contextualizada. Isso é um excelente incentivo para o agir contextual – tal como o protagonista da narrativa – em prol da vida das pessoas.

Desse modo, o evangelista Marcos utilizou um artifício narrativo para transmitir a ideia de que a prática de Jesus deve ser compreendida como voltada para situações

3. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 190.

4. “As descobertas arqueológicas em Cafarnaum são dignas de nota. A tradição de Jesus menciona uma sinagoga e uma casa de Pedro. Possivelmente ambas foram localizadas por escavação”. Mais detalhes: THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 188-189.

reais, em meio aos desafios das comunidades historicamente contextualizadas. O que Jesus ensina e realiza é algo que se concretiza em ações cotidianas, inspirado e animado pelo poder do Espírito de Deus.

A itinerância por toda a Galileia

“Por toda a Galileia”, Jesus proclama o reino de Deus, “pregando” e “expulsando demônios”, “difundindo saúde sobre a terra” (cf. Eclo 38,8).

O que Jesus procura, antes de tudo, entre aquelas pessoas da Galileia não é reformar sua vida religiosa, mas ajudá-las a desfrutar de uma vida sadia e livre do poder do mal⁵.

O povo da Galileia foi testemunha ocular dessa atividade missionária de Jesus que, como um mestre itinerante, percorria suas aldeias libertando as pessoas das forças malélicas que destroem a vida pessoal e impossibilitam a vida comunitária. A atividade missionária de Jesus deve ter sido uma marca indelével, algo que realmente ficou na memória desse povo. Tão importante que Marcos resume a ação missionária de Jesus em viagens, ensino com autoridade e muitas curas (1,39).

O trecho que se segue à nossa unidade narrativa (Mc 1,21-39) versa sobre a cura de um leproso (Mc 1,40-45). Esse relato pode ser interpretado como um exemplo da expansão da atividade missionária de Jesus por toda a Galileia (v. 39). Desse modo, seria um apêndice. A sequência narrativa é retomada em Mc 2,1s: “Entrando de novo em Cafarnaum...”

Por conta disso, não incorporamos essa narrativa de cura do leproso à unidade narrativa que estamos estudando.

1.2 Jesus ensina com autoridade e autonomia: B x B'

Os versículos 21b-22 e 35-38 funcionam como um enquadramento de lugar.

B

^{21b} e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava.

²² Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

³⁵ De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava.

B'

³⁶ Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos ³⁷ e, quando o acharam, disseram-lhe:

“Todos te procuram.”

³⁸ Disse-lhes: “Vamos para outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí.”

5. PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 191-192.

Pelo menos três aspectos saltam à vista no paralelo. O primeiro é que Jesus se utiliza do espaço onde se perpetua a ideologia oficial (a sinagoga) para pregar um ensinamento com autoridade diferenciada dos que preservam tal ideologia (os escribas). O segundo aspecto é que Jesus rompe com esse espaço ideológico para cultivar a espiritualidade do deserto. O terceiro é que Jesus e seu discipulado priorizam uma missão junto ao povo sofrido das aldeias, localizadas na redondeza das cidades.

Primeiro: Jesus ensina na sinagoga com autoridade própria (v. 21b-22)

^{21b} e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava.

²² Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

No início da narrativa (v. 21b), chama a atenção o caráter imediato da ação de Jesus: “E, logo...”. O uso desse advérbio é uma constante no Evangelho de Marcos:

O evangelista não hesita em sublinhar esse caráter de urgência ao usar [em seu evangelho] mais de quarenta vezes o advérbio “logo” (em grego: *eythus*). Essa avalanche de *eythus* (a palavra significa logo, imediatamente, no mesmo instante) é particularmente impressionante [já no primeiro capítulo]: “Logo, o Espírito o lança para fora, para o deserto” (1,12); “Logo, eles deixam suas redes e o seguem” (1,18); “Logo ele os chama” (1,20); “E logo, no dia de sábado, ele entra na sinagoga e ensina” (1,21); “Logo estava na sinagoga” (1,23); “Logo sua fama se espalha por toda a parte” (1,28); “Logo eles saem da sinagoga” (1,29); “Logo lhe falam dela” (1,30). Torna-se evidente que o autor do segundo evangelho quer sensibilizar os leitores pela urgência do tempo. Tudo acontece sem demora. Poder-se-ia dizer: logo proclamado, logo realizado!⁶

Nessa urgência do tempo, o evangelista Marcos demonstra que Jesus se utiliza de importantes pilares que sustentam as estruturas ideológicas do sistema político-religioso do contexto palestinese do século I, a saber: o sábado, a sinagoga e a instrução. Em dia de sábado, Jesus congrega na sinagoga para ensinar.

O sábado, sétimo dia do calendário semanal judaico, é dia sagrado.

O Sábado, do hebraico *shabatt*, é dia sagrado. O nome *shabatt* está ligado à raiz *shbt*, que significa repousar ou cessar. No judaísmo, o sábado se tornou uma das mais importantes observâncias. Desenvolveu-se paralelamente com a religião da sinagoga. Era um dia da assembleia religiosa e do repouso sabático. Foi uma das observâncias mais específicas do judaísmo; identificava os judeus e distinguia-os dos gentios e se tornou um sinal de autêntico judaísmo. A natureza do descanso sabático foi assunto de muita discussão casuística dos rabinos, que enumeravam 39 tipos de trabalho proibidos no sábado; algumas proibições nos

6. MARGUERAT; BOURQIN, *Para ler as narrativas bíblicas*, p. 100.

parecem mesquinhas e ridículas como a proibição de acender o fogo, bater palmas, saltar, dar palmadas na coxa, visitar doentes. Podia-se afastar-se de casa somente a curta distância (não ser que se estabelecesse domicílio temporário depositando objetos pessoais a alguma distância de casa); a viagem em dia de sábado (At 1,12) era de 2000 côvados, cerca de 900 metros⁷.

Jesus ensina em dia de sábado na sinagoga. Ali, como qualquer membro da comunidade judaica, ele usou da palavra e fez um comentário sobre algum trecho da Sagrada Escritura, durante o ofício religioso.

A sinagoga, do grego *synagoge*, “assembleia” ou “reunião”, é o nome grego dos lugares judaicos de assembleia para oração e instrução. A sinagoga surgiu em consequência da destruição do templo de Jerusalém em 587 a.C. e a dispersão dos judeus fora da Palestina. Tendo-se tornado impossível o culto centrado no ritual do templo, a sinagoga se organizou como uma substituição para manter a unidade judaica na fé e no culto. As sinagogas mais antigas eram, sem dúvida, reuniões privadas em casas particulares... Nos tempos do Novo Testamento a sinagoga era uma realidade constitutiva e essencial da vida e do culto judaico. A sinagoga se tornou um edifício à parte, construído para este fim; existia em cada cidade da Palestina e nas cidades fora da Palestina, onde havia uma comunidade judaica⁸.

Na sinagoga, em dia de sábado, Jesus prega um novo ensinamento com autoridade, provocando uma inevitável comparação entre o seu ensino e o ensino das autoridades oficiais, no caso, os “escribas”, do grego *gramateis*, “doutores da Lei”.

O escriba judeu dos tempos do Novo Testamento é o estudioso e o intelectual do judaísmo que recebe o título de rabi (mestre). Sua erudição era o conhecimento da Torá (literalmente, Instrução) que ele considerava como a suma da sabedoria e o único saber verdadeiro. A maioria dos escribas eram fariseus, que aderiam à interpretação estrita da Lei⁹.

Os escribas eram, portanto, peritos e intérpretes das prescrições religiosas. Tinham um ensinamento que não lhes era próprio, mas uma compilação de citações da lei escrita e das interpretações dos grandes mestres do passado, bem como das tradições conservadas pelos anciãos. Tudo isso suscitava um legalismo que obscurecia a essência da Lei de Deus, impedindo que as pessoas conhecessem e praticassem a vontade de Deus, que consiste no amor incondicional aos que sofrem.

Embora no Evangelho de Marcos não encontremos muitos discursos de Jesus, o evangelista demonstra atenção para o efeito que tais palavras causam no coração das pessoas, por meio do sentimento de espanto, admiração. A partir daí conclui que ele tem autoridade maior que a dos escribas.

7. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, verbete “sábado”, p. 809-810.

8. Idem, *ibid.*, verbete “sinagoga”, p. 882.

9. MCKENZIE; *op. cit.*, verbete “escriba”, p. 293.

Podemos, então, concluir que, para o evangelista Marcos, o ensino do Mestre Jesus – além de legítimo – tinha dois aspectos importantíssimos que causavam espanto em todos: primeiro, era um ensinamento pregado com liberdade diante das prescrições religiosas legalistas (uma vez que, na verdade, impediam de praticar a essência da vontade de Deus: promover a vida em qualquer situação); segundo, era um ensinamento prático, cuja ênfase maior não está na oratória, mas na objetividade das ações em prol da vida. A prova disso é oferecida por aquilo que acontece na sinagoga: um endemoninhado é libertado pela força da palavra de Jesus¹⁰.

Segundo: Jesus escolhe o deserto como lugar da intimidade com Deus (v. 35-38).

³⁵ De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava.

³⁶ Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos ³⁷e, quando o acharam, disseram-lhe: “Todos te procuram.”

³⁸ Disse-lhes: “Vamos para outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí.”

A sinagoga é, como vimos antes, lugar religioso para orar e instruir. E Jesus se utiliza da sinagoga como espaço da instrução, para ensinar com autoridade própria, mas não faz daquele espaço religioso o seu lugar de oração. Escolhe o deserto como local de sua intimidade com Deus. Temos aqui, de certo modo, uma espécie de ruptura com o sistema religioso oficial.

O deserto é importante na concepção religiosa e no simbolismo de Israel. Foi no deserto que Israel encontrou seu Deus pela primeira vez: a história da caminhada através do deserto ficou como a figura típica para se referir ao encontro do ser humano com Deus. Em consequência, tanto no Antigo como no Novo Testamento, o deserto é o lugar onde se encontra Deus, especialmente em momento de dificuldade. Israel tinha o sentimento de que não teria sobrevivido à travessia do deserto se não houvesse contado com a proteção de Deus (Dt 8,2-5.14-16; Jr 2,6). Foi no deserto que Israel foi posto à prova e pecou. Por isso Iahweh Deus fará Israel voltar ao deserto para poder falar-lhe diretamente e reconquistar o seu amor (Os 2,16). Mas a experiência do deserto também foi o tempo no qual Israel obteve os favores de Iahweh Deus. Elias havia encontrado Deus no deserto (1Rs 19,9-18). Também no Novo Testamento o tema do deserto reaparece. É no deserto que João Batista inicia a sua pregação (Mt 3,1; Lc 3,2). Jesus passou quarenta dias de jejum e oração no deserto, antes de dar início ao seu ministério público. No livro do Apocalipse (12,6), a mulher foge do dragão, indo para um lugar que lhe foi preparado por Deus no deserto¹¹.

10. Baseio-me aqui em FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990, p. 439.

11. MCKENZIE; op. cit., verbete “deserto”, p. 229-230.

O deserto, portanto, é o lugar da experiência pessoal e comunitária com Deus, afastado de qualquer ideologia sociorreligiosa que aliene as pessoas, de acordo com interesses diversos. Não é à toa que Marcos, em sua narrativa, denuncia a presença de um homem endemoninhado, tomado por outro espírito que não é o Espírito de Deus, dentro do espaço oficial da religião oficial.

Terceiro: Jesus prioriza o povo sofrido das pequenas cidades e das aldeias (v. 38).

³⁸ Disse-lhes: “Vamos para outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí.”

O terceiro aspecto é que Jesus opta pelo povo empobrecido da Galileia: “Jesus respondeu: ‘Vamos para outros lugares, às aldeias da redondeza [de Cafarnaum]. Devo pregar também ali, pois foi para isso que eu vim’”.

Tal atitude é importante porque o pregador parece consciente de que é para o povo empobrecido daquele contexto histórico (geograficamente delimitado) que Jesus direciona sua missão. O povo das pequenas cidades e das aldeias tira a subsistência do trabalho braçal. Jesus está de tal modo sintonizado com a vida desse povo que ele, muitas vezes, direciona sua mensagem por meio do artifício metafórico de suas parábolas provenientes do contexto sociocultural das aldeias e dos campos.

Cafarnaum foi o centro da atividade de Jesus na Galileia (Mt 4,13). Ali e em seus arredores Jesus deu início ao seu ministério público. Apesar dos Evangelhos muitas vezes denominarem de “cidades” aqueles pequenos lugarejos, as localidades ali mencionadas não devem ter sido muito grandes¹².

Cafarnaum era uma pequena cidade localizada à margem norte do lago de Genesaré (também chamado de “mar” da Galileia). Na época de Jesus era um vilarejo, cujos habitantes viviam da pesca no lago de Genesaré. O evangelho de Marcos 1,14-20 (conforme paralelo em Mt 4,18-22) descreve como Jesus chamou quatro dos seus discípulos às margens daquele lago: o pescador Pedro e seu irmão André, e os irmãos João e Tiago. O movimento de Jesus estava de tal modo ligado àquele contexto que dali também tirava seu sustento, da pesca e da colheita na área rural (Mc 2,23-28).

O povo dessa região cada vez mais empobrecia do ponto de vista econômico. Era alienado de suas próprias energias. A consequência disso era claramente constatada por meio das inúmeras doenças, cujos sintomas eram distúrbios mentais e físicos.

Ao contextualizar o tempo e o lugar, a narrativa deixa claro que a ação dos personagens acontece no seio da história. Seguir Jesus consiste em se dispor a historicamente e contextualmente cuidar das pessoas, restaurar a saúde mental e física de homens e mulheres que necessitam de ajuda, para que possam reintegrar-se ao convívio social.

12. THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 147.

Isso é o que vamos analisar a seguir, ao tratarmos do centro desta unidade narrativa, objeto do nosso estudo.

1.3 Jesus resgata a saúde das pessoas: C x C'

Nos versículos 23-28 e 29-34, Jesus cura um homem e uma mulher:

C

²³ Nesse momento, estava na sinagoga um homem possuído por um espírito mau, que começou a gritar: ²⁴ “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!”

²⁵ Jesus ameaçou o espírito mau: “Cale-se, e saia dele!” ²⁶ Então o espírito mau sacudiu o homem com violência, deu um grande grito e saiu dele.

²⁷ Todos ficaram muito espantados e perguntavam uns aos outros: “O que é isso? Um ensinamento novo, dado com autoridade... Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem!”

²⁸ E a fama de Jesus logo se espalhou por toda parte, em toda a redondeza da Galileia.

²⁹ Saíram da sinagoga e foram logo para a casa de Simão e André, junto com Tiago e João.

C'

³⁰ A sogra de Simão estava de cama, com febre, e logo eles contaram isso a Jesus.

³¹ Jesus foi aonde ela estava, segurou sua mão e ajudou-a a se levantar. Então a febre deixou a mulher, e ela começou a servi-los.

³² À tarde, depois do pôr do sol, levavam a Jesus todos os doentes e os que estavam possuídos pelo demônio. ³³ A cidade inteira se reuniu na frente da casa.

³⁴ Jesus curou muitas pessoas de vários tipos de doença e expulsou muitos demônios.

Os demônios sabiam quem era Jesus, e por isso Jesus não deixava que eles falassem.

Destaquemos a seguir alguns aspectos que merecem a nossa atenção:

Primeiro: a cura do homem e da mulher nos seus respectivos espaços:

A primeira cura, de um homem conturbado mentalmente, ocorre no espaço público (a sinagoga). A segunda cura, de uma mulher com o corpo debilitado pela febre, ocorre no espaço privado (a casa). Analisemos detalhes dessas duas narrativas.

No espaço público, a cura de um homem

No mundo de cultura greco-romana do século I, inclusive na Palestina, o espaço público diz respeito a tudo aquilo que tem a ver com a administração da cidade, e constituiu um local sob o domínio dos homens.

A sinagoga é, no judaísmo, um desses locais. Por exemplo, a direção da sinagoga estava sob o poder dos anciãos, que eram provavelmente os homens mais influentes da comunidade. A gestão, a manutenção da sinagoga e a ordem dos serviços estavam a cargo de um *archisynaogogos* ou “chefe da sinagoga” (Lc 8,41; At 18,8.17). Os responsáveis pela tarefa de liderar a Instrução (ensinamentos da Torá ou Tôrah¹³) eram os escribas¹⁴.

No espaço sinagoga, lugar das relações formais e das instruções legalistas, lugar da intelectualidade e da racionalidade reservada aos instruídos, os homens e as mulheres sentavam-se em lugares separados durante as reuniões¹⁵. Nesse ambiente hegemônico masculino encontra-se um homem incapaz de pensar livremente, alienado de si mesmo, pois estava “possuído”, isto é, “sob o domínio” de um espírito impuro. Qual o simbolismo que está por trás dessa narrativa?

A narrativa de Marcos, neste ponto de nossa análise, sugere à nossa interpretação que o lugar público onde os líderes comunitários cultivam os valores sociorreligiosos hegemônicos (androcêntrico e patriarcal¹⁶), o lugar onde são (re)produzidas as ideias, enfim, o campo ideológico e político dominante, este lugar está em crise, pois tem homem com o juízo fragilizado, tomado e controlado pelas forças do mal (simbolizado pelo personagem endemoninhado), em guerra contra quem, lucidamente, de sua consciência, promove a vida (simbolizado pelo personagem Jesus).

O espaço privado, a cura de uma mulher

Em contraposição ao espaço público, lugar sob a liderança de homem, a casa é o espaço privado da intimidade familiar, cujo protagonismo – em plena cultura patriarcal – é exercido na prática pela mulher.

Pesquisas recentes confirmam que “a diferenciação das esferas específicas de gênero – dimensão pública da polis, por um lado, e casa, por outro – disponibiliza uma moldura estrutural que torna possível diferenciar, em termos psicológicos, culturais, sociais e econômicos, os lugares de homens e de mulheres nas sociedades antigas”¹⁷.

13. A palavra Tôrah /*tôrâ*/ ficou conhecida como “Lei”. Mas seu sentido original corresponde a “Instrução”. Esta “instrução” referia-se a preceitos éticos, morais e culturais revelados por Iahweh Deus, transmitidos por meio das Sagradas Escrituras que constituem o Pentateuco. Assim, a Tôrah, provavelmente neste sentido, é mencionada em Is 8,20; Jr 2,8; 18,18; Am 2,4. MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*, verbete “Lei”, p. 539.

14. Segundo Joaquim Jeremias, “as instruções dos Escribas (a partir da Torá) só se abriam para os homens e meninos... Segundo Dt 31, 12, as mulheres podiam, como os homens e as crianças, penetrar na parte da sinagoga utilizada para o culto, mas estacas e grades separavam o local que iriam ocupar...”. JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 491.

15. MCKENZIE; op. cit. Verbetes “Sinagoga”, p. 862.

16. “Enquanto o androcentrismo funciona como explicação linguístico-ideológico do mundo, o patriarcado constrói relações estruturais e institucionais de dominação”. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Caminhos de Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: 2009, p. 133.

17. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 406.

A diferença, no entanto, não deveria ser identificada simplesmente com os conceitos modernos “público” e “privado”. Pois na mesma proporção em que as mulheres não estavam totalmente banidas da dimensão pública e, por conseguinte, da vida política da polis, também a casa, como seu âmbito central de vida, possuía relevância política e não era simplesmente um espaço privado que transcendia os discursos públicos ou que não tinha influência sobre eles. Mas é perfeitamente possível dizer que a diferenciação das competências e papéis de mulheres e homens na casa e na dimensão pública, em princípio, era orientada e organizada conforme o específico de cada gênero¹⁸.

Desse modo, independentemente do seu *status* social, as mulheres tinham, em comparação com os homens, muito menos acesso aos meios políticos, econômicos e sociais da vida pública.

O âmbito especial das mulheres é a casa e nela principalmente a parte reservada às mulheres, que, em princípio, estava proibida aos homens (o acesso era liberado, no máximo, aos parentes, escravos ou pessoas de *status* inferior). Correspondentemente, relações íntimas somente são possíveis em si entre membros da economia doméstica; apenas nela também as relações sexuais têm o seu espaço legítimo. As mulheres devem – na medida do possível – ficar dentro da casa, pois elas são “repositórios” da honra masculina. Elas precisam ser protegidas de contatos com homens de outras economias domésticas, que poderiam maculá-las¹⁹.

É para esse espaço privado da intimidade familiar e das relações mais próximas que se dirige Jesus com seus primeiros discípulos, Simão Pedro e André, Tiago e João. Ali encontram a sogra de Pedro acamada, com febre. E Jesus recupera a saúde dela, que logo “se põe a servi-los”. Qual o simbolismo que está por trás dessa narrativa?

A narrativa está associada no âmbito tipicamente feminino da “casa” e à atividade tipicamente feminina do servir à mesa. Ela é identificada por seu parentesco com um homem, fato que igualmente evidencia a perspectiva androcêntrica convencional. Nesta história, a mulher dificilmente está sendo caracterizada como discípula “que entendeu e praticou a verdadeira orientação cristã. O fato de ela se levantar após a cura e “servir” os homens antes mencionados confirma, primeiramente, a sua cura, mas também indica que o seu lugar na família foi restabelecido, isto é, ela pode cumprir de novo o seu papel social. Ela provavelmente é viúva, pois se encontra na casa de Pedro ou André. Provavelmente não havia mais nenhum membro da família que pudesse cuidar dela”²⁰.

18. STEGEMANN, E.W.; STEGEMANN, W; op. cit. p. 406.

19. Idem, *ibid.*, p. 417.

20. Idem, *ibid.*, p. 427, 520.

Ao recuperar a saúde da mulher, no espaço da casa, Jesus não só lhe devolve a força, a energia para se levantar: uma vez curada, ela logo se põe a servir, ou seja, a prestar sua colaboração ao pôr-se “a servi-los”.

O verbo “servir” nesta perícopa do Evangelho de Marcos é empregado claramente no sentido de servir à mesa²¹. Contudo, este serviço não é insignificante. Pelo contrário, apesar de singelo, é importante por se tratar de acolhida a Jesus e seus membros itinerantes, a fim de que pudessem – também eles – recuperar as energias para dar continuidade à missão.

Segundo: O protagonismo de Jesus em ambos os cenários

Em ambas as curas realizadas em cenários diferentes, Jesus é o personagem principal, o protagonismo por excelência. Assim, vejamos:

Primeira cena: Jesus na sinagoga

A simples presença de Jesus naquele espaço da Religião Oficial aguça a crise ali existente: a presença do mal. O homem possuído pelo espírito impuro se exaspera, manifesta-se gritando contra a vinda de Jesus de Nazaré, como que antecipando a sua ruína: “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos”. Interessante perceber aqui uma perfeita síntese teológica, reconhecida pelas forças maléficas: o mal, pela boca do homem possesso, sabe quem é Jesus: “O Santo de Deus”. O Jesus humano natural de Nazaré é o Enviado (o Messias, o Cristo) de Deus.

Outro aspecto importante, nessa primeira cena, é que parece haver uma guerra santa entre o espírito impuro que possui o homem (sem nome) e aquele homem (Jesus) que é animado pelo Espírito Santo de Deus (isso, inclusive, está contemplado em Mc 3,23-27). E a ação consiste tão somente em libertar o homem daquilo que o impede de pensar e de agir por si mesmo. Como escreveu Rinaldo Fabris, “O poder demoníaco revela-se de maneira visível nas situações de desintegração e violência convulsa [agitada], que caracterizam algumas formas de doença. O poder de Deus em Jesus se manifesta ao invés como força que reintegra o homem na plena dignidade e liberdade”²².

Jesus é o protagonista porque age com poder extraordinário, tão somente pela força da Palavra com autoridade. Jesus o “conjurou severamente”, isto é, insurgiu fortemente contra o mal, ordenando: “Cala-te e sai dele”. Importante perceber as palavras fortes bem escolhidas, com verbos no modo imperativo, para passar ao leitor / ouvinte o vigor e a dramaticidade da cena. A Palavra poderosa de Jesus causa grande desconforto ao espírito impuro, que sacode o homem violentamente, fazendo-o soltar um estrondoso grito, antes de finalmente deixá-lo.

21. Ver a discussão sobre o emprego que Marcos faz do verbo “servir”, em STEGEMANN E. W.; STEGEMANN, W.; op. cit. p. 423-425.

22. FABRIS, op. cit., p. 439.

A cena impressiona, sem dúvida, pela sua dramaticidade. Jesus, imbuído de poder divino, age como o profeta, o consagrado a Deus, *nazir* (de Deus), traduzido no grego da Septuaginta por “santo de Deus” (Jz 13,7; Am 2,11-12). Sua missão é instaurar o reino de Deus, destruindo numa guerra santa (sem armas fabricadas por mãos humanas, mas tão somente pela Palavra com autoridade divina) o domínio do adversário, espírito impuro²³.

Segunda cena: Jesus na casa de Simão e André

Tanto no ambiente público como na esfera privada encontramos pessoas, de ambos os sexos, dominadas por algum tipo de mal (que toma conta da mente e do corpo). Na cultura daquela época, a enfermidade está sempre associada à possessão diabólica (cf. 1,34; 3,10-11; 6,13; Lc 13,10-17). No caso da doença da sogra de Pedro, a febre é como um demônio que queima (cf. Lc 4,39) e devora o corpo por dentro, fazendo arderem os ossos (cf. Lv 26,16). Leva à prostração e é sinal de enfermidade mortal (cf. Jo 47,52). Se a criação é obra de Deus, sua desintegração é naturalmente atribuída à potência satânica. A mulher está de cama, paralisada (cf. 2,3)²⁴.

Ao ser imediatamente informado sobre a situação, num ato contínuo, ele prontamente aproxima-se dela, tomou-a pela mão e a fez levantar-se. Ela de pé, restabelecida, pôs-se a servi-los. Na cena percebe-se claramente que a missão de Jesus consiste em restaurar a saúde da pessoa necessitada, soerguendo-a. Que bom se a pessoa, uma vez recuperada, tome a iniciativa – conforme a sogra de Simão Pedro – de colocar-se a serviço dessa mesma missão de Jesus e dos seus discípulos. Como lemos no texto: “A febre a deixou e ela se pôs a servi-los”.

Sem dúvida, o evangelista Marcos conseguiu captar a essência da missão de Jesus: cuidar da saúde do povo, cuidar das pessoas, motivado por profunda compaixão, pois as mesmas estavam abandonadas à própria sorte, como rebanho sem pastor (Mc 6,34). O evangelista João retoma essa compreensão sobre a missão de Jesus de modo brilhante ao demonstrar a autocompreensão de Jesus a respeito de sua missão: “Eu vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Em sua missão restauradora da saúde do povo, Jesus glorifica profundamente a Deus, Criador do homem e da mulher. Inspirado nos Evangelhos, Santo Irineu de Lyon (130-202 dC), um dos Pais da Igreja, numa de suas frases mais conhecidas (contemplada no livro “Contra Heresias” ou *Adversus Haereses*, publicado em 180 dC), afirma que “A glória de Deus é o homem vivo”. E, ao se referir a Jesus como o Verbo de Deus, acrescenta: “e a vida do Homem consiste em ver a Deus. Pois se a manifestação de Deus que é feita por meio da criação permite a vida de todos os seres vivos na Terra, muito mais a revelação do Pai, que nos é comunicada pelo Verbo, comunica a vida àqueles que amam a Deus” (*Adversus Haereses*, IV, 20, 7).

23. Idem, *ibid.*, p. 439.

24. SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos* – Vol. 1: 1–8. Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, p. 91.

Há, de fato, nas entrelinhas da narrativa, uma expectativa crescente para que Jesus faça algo pela saúde do povo. Após a cura da mulher, ao entardecer, quando o sol se pôs (o que remete o leitor a um cenário sombrio), trouxeram-lhe “todos os enfermos e endemoninhados”. Não é mais só uma pessoa enferma ou endemoninhada. São literalmente “todos”. E, num exagero tipicamente marcano, para enfatizar o que quer ressaltar, “A cidade inteira aglomerou-se à porta”.

Há, como que, uma expectativa generalizada para que Jesus cuide da saúde do povo. Jesus atende – em parte – tal expectativa: “Jesus curou muitas pessoas de vários tipos de doença e expulsou muitos demônios” (v. 34).

No versículo 34 b, Jesus proíbe que se propague uma fama dele como quem está em guerra contra as forças do mal: “Os demônios sabiam quem era Jesus, e por isso Jesus não deixava que eles falassem”. Talvez por conta de sua preocupação de que ele está realmente envolvido na promoção pacífica em prol do bem-estar das pessoas, recuperando a saúde física e mental.

2. Alguns aportes hermenêuticos (interpretativos)

Hermenêutica é a teoria e a prática da interpretação de textos. Tomemos aqui alguns elementos importantes, do ponto de vista interpretativo, a partir da narrativa acima analisada.

2.1 Interpretação sociopolítica de Mc 1,21-39

A narrativa de Marcos, objeto do nosso estudo, remete a um contexto sociocultural em que o homem é o senhor do espaço público e a mulher, senhora do ambiente privado. Contudo, algo está errado em ambos os espaços, pois encontramos os respectivos protagonistas literalmente possuídos pelas forças do mal, com problemas que afetam a mente e o corpo, impossibilitados de exercer a função social que dele e dela se espera. Nesse aspecto, podemos interpretar que o homem possesso de um espírito impuro e a mulher tomada pela febre são personagens que simbolizam homens e mulheres doentes e, conseqüentemente, dominados por forças que os impedem de pensar e de agir com liberdade e criatividade própria.

No contato direto com tais pessoas doentes, incapazes, sofridas e estigmatizadas socialmente do norte da Palestina, Jesus introduz uma prática sociorreligiosa baseada nas Sagradas Escrituras, cuja instrução fundamental consiste em restaurar a saúde das pessoas, homens e mulheres, reintegrando-os ao convívio produtivo e criativo no emaranhado das relações sociais, dentro e fora de casa. E o faz por profunda fidelidade amorosa ao Deus da Vida e radical compaixão misericordiosa para com a grande multidão de excluídos, “pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34), abandonados à própria sorte pelas autoridades políticas e religiosas.

Na narrativa que acabamos de analisar, Jesus está no começo de sua missão sociorreligiosa itinerante pelas aldeias empobrecidas do norte da Palestina, logo após a prisão do profeta João (1,14). A interpretação que se pode tirar das entrelinhas do texto

é que Jesus tem consciência dos perigos e corre em se ocupar com a restauração da vida do seu povo. Ele sabe que toda e qualquer atuação nesse sentido desmascara a negligência das autoridades e as expõe diante do povo em sua infidelidade ao projeto do Deus da Vida.

Diante de tal realidade ameaçadora do ponto de vista sociopolítico, a estratégia missionária de Jesus parece ser bem pensada e até agressiva: “veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus”. Existe uma razão muito importante para Jesus iniciar ali sua missão: ali, nas aldeias da Galileia, está a “grande multidão” empobrecida e deserdada, despojada de seu direito de desfrutar da terra doada por Deus; ali, nas aldeias da Galileia, Jesus encontra o Israel mais enfermo e maltratado pelos poderosos; ali Israel sofre com mais rigor os efeitos da opressão. A implantação do Reino de Deus precisa começar ali onde o povo está mais humilhado²⁵.

Sem dúvida, a pesquisa histórica aponta para o fato de que o povo da Galileia empobrecia gradativamente, sobretudo por conta dos pesados impostos que era obrigado a pagar para o governo local, subserviente do Império Romano. Sem poder pagar as dívidas, os agricultores se viam obrigados a vender sua terra, tornando-se mão de obra excedente na produção.

A terra representava a primeira fonte de renda, e a desigualdade social estava intimamente ligada à posse de terra. Na época de Jesus, os latifundiários provavelmente viviam na cidade. Para eles a terra era fonte de exploração. Os arrendatários dependentes entregavam a produção com rancor interno. A parábola dos vinhateiros documenta a disposição rebelde entre eles (Mc 12,1-12). O recolhimento da produção estava ligado a conflitos. Em situação ainda pior do que os arrendatários estavam os operários contratados, sem posses, recrutados para a colheita por hora ou dia. Mt 20,1-16 descreve sua situação. Contra um tratamento injusto só lhes restava “resmungar”. Eram dependentes da “benevolência” dos ricos. Mesmo os pequenos agricultores livres acima mencionados viviam em condições difíceis. Eram sempre ameaçados por dívidas se uma colheita escassa não bastava para assegurar as taxas, o sustento da família e as sementes para o próximo ano. Duas parábolas pressupõem a prisão por dívidas (Mt 5,25s; 18,23s) – um indício de que a Palestina estava sob a influência de uma lei estrangeira, pois a lei judaica não conhecia o aprisionamento, mas apenas a escravidão temporária por dívida. Pequenos agricultores que perdiam a terra tornavam-se arrendatários, emigravam ou engrossavam as fileiras de trabalhadores contratados, mendigos e ladrões na base da hierarquia social²⁶.

Essa deterioração social, em virtude de políticas econômicas voltadas para o interesse da classe dominante, condenou à extrema pobreza partes significativas da população palestinese, principalmente nas áreas rurais densamente populosas da Galileia. A doença ligada a problemas psicológicos e à incapacidade física constituíam parte inseparável do ciclo de pobreza (fenômeno ainda verdadeiro nos dias de hoje,

25. PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 113.

26. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 192-194.

apesar do advento da medicina moderna). Para o agricultor diarista, dependente de seu vigor físico para arar e colher os frutos da terra, ficar doente significa desemprego, empobrecimento crescente, fome, agravamentos dos males físicos e mentais. Nesse contexto, a crença em milagres se concentra aqui em situações específicas de amargura, na possessão, na doença, na fome, no insucesso e no perigo: em outras palavras, em situações que afetam a grande maioria do povo de Israel, mas não ferem tão duramente todos os grupos sociais. Nesse sentido, o ministério de cura de Jesus é, pois, descrito como parte essencial de sua luta para conferir libertação concreta aos oprimidos e marginalizados da sociedade palestinese²⁷.

Mas libertação de quê? Em Mc 1,34, “E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades”, o verbo “curar” traduz aqui o sentido clássico do verbo grego *therapeuo*, de onde vem o termo “terapia”, que hoje significa “tratamento médico”. Isso supõe que Jesus curasse os doentes em sentido convencional? Ele seria um terapeuta como conhecemos hoje? Evidente que não. Os terapeutas daquela época não tinham o conhecimento suficiente para saber as causas das doenças. Percebiam a enfermidade, mas não sabiam muito bem diferenciar as doenças causadoras desse mal. Todo grande episódio de cura no Evangelho de Marcos, começando com 1,41-45, demonstra essa tese. Além disso, do ponto de vista religioso, a enfermidade estava associada à impureza ou pecado, estado que significava exclusão do convívio social²⁸.

Seguindo essa linha de raciocínio, a atividade terapêutica de Jesus é mais bem descrita como cura, do que como tratamento. Eticamente porque ele confere o resgate da vida socioeconômica na superação de doenças físicas ou mentais que impedem a pessoa de desenvolver algum tipo de trabalho. Religiosamente, porque liberta do estigma de exclusão resultante de impureza ritual proveniente da enfermidade²⁹.

Tais informações ajudam a interpretar melhor o alcance sociopolítico da atuação de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, na casa de Simão Pedro, que se expande “por toda a Galileia” (1,39).

2.2 Interpretação sociorreligiosa de Mc 1,21-39

Pode-se perceber uma profunda reflexão teológica nas entrelinhas da narrativa em estudo. Para Marcos, o personagem Jesus é o protagonista de toda a narrativa, que aparece com poder de restaurar a vida de homens e mulheres, fazendo-as recobrar a lucidez mental e a força física, a fim de que tenham condições de ressignificarem a sua vida.

Nesse sentido, Jesus age – em sua missão – animado pelo Espírito Criador do Deus da Vida, empenhado que está em praticar a centralidade dos Mandamentos. O quinto Mandamento não deve ser interpretado tão somente ao pé da letra: “Não ma-

27. Idem, *ibid.*, p. 185.

28. MYERS; *op. cit.* p. 185-186.

29. Idem, *ibid.*, p. 185.

tar”. A interpretação deve ser mais larga e abrangente: “promover a vida”, cuidar da vida criada amorosamente pelo Deus da Vida.

Por isso, para o evangelista Marcos, Jesus é o Cristo, Filho de Deus (Mc 1,1), a encarnação viva da misericórdia divina. Em sintonia com Deus, Jesus aparece como um terapeuta, um médico, “por meio do qual a saúde se difunde sobre a terra” (Eclo 38,8). Na ação terapêutica de Jesus, os enfermos recuperam a saúde física e os possuídos pelas forças do mal são resgatados de seu conturbado mundo psíquico. Jesus reintegra tais pessoas à sociedade com o corpo saudável e a mente sã, lúcida, consciente, numa clara constatação de que o Reino de Deus já se faz presente na história.

Sem dúvida, com essa narrativa logo no início do seu Evangelho (1,21-39), Marcos transmite para seus leitores a surpreendente boa notícia de que Deus está chegando não como o “Deus dos justos”, e sim como o “Deus dos que sofrem”.

O profeta do Reino de Deus, Jesus, parece não ter dúvida: o que preocupa a Deus é o sofrimento dos mais desgraçados; o que move a Deus a agir no meio dos que sofrem é seu amor compassivo e misericordioso, que deseja restaurar a vida do homem e da mulher por ele criados. Isso está bem claro na Torá, particularmente em Ex 3,7-8, quando ele olha e vê um grupo escravizado no Egito: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo das mãos dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta; terra que mana leite e mel”.

No Evangelho de Marcos, esse Deus age por meio de seu Filho Jesus, pregando e curando, expulsando as forças malélicas que provocam doenças na mente e no corpo do homem e da mulher (Mc 1,21-39). No Evangelho de Marcos, esse Deus – na pessoa do seu Filho Jesus – veio instaurar o Reinado de Deus no coração da história humana: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15). Ele quer reinar entre os homens e mulheres. Por isso é urgente curar, desalienando mentes conturbadas, curando corpos doentes, libertando de todos os males.

Considerações finais

O conteúdo abordado neste artigo, bem como de todo este número da revista *Estudos Bíblicos*, toca de cheio no tema da Campanha da Fraternidade 2012: “Fraternidade e Saúde Pública”.

É urgente que nos preocupemos com essa temática, sobretudo porque o Brasil passa por um processo de crescimento populacional que faz aumentar a demanda por políticas públicas em todos os níveis, inclusive no âmbito da saúde pública. Nesse aspecto, há um clamor popular por reformas urgentes e constantes que viabilizem um bom atendimento nos primeiros socorros e em tratamentos continuados.

Por outro lado, os avanços na área da medicina não chegam à maioria da população por conta dos preços exorbitantes dos produtos de última geração, cobrados pelas grandes indústrias farmacêuticas, bem como pelas empresas de saúde, e pelos hospí-

tais privados, cujo objetivo não é promover a saúde pública, mas o lucro de seus próprios empresários.

O estudo que fizemos a partir da narrativa de Marcos (1,21-39) oferece elementos para a reflexão sobre a prática de Jesus. Ele, inspirando a fé no Deus da Vida, compromete-se efetivamente na causa em prol da saúde do seu povo. E não o faz sozinho. Com um grupo de amigos e amigas, empenha-se nessa luta, curando as pessoas e promovendo a saúde pública por meio do seu ensinamento prático voltado para a preservação da vida. É, portanto, um interessante texto para a reflexão de quem deseja hoje encontrar motivação para continuar lutando em prol da vida, e vida saudável em plenitude.

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990.
- FIORINZA, Elisabeth Schüssler. *Caminhos de Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.
- JEREMIAS, J. Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos – Vol. 1: 1 – 8. Refazer a casa*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

João Luiz Correia Júnior
joaoluizcorreia@uol.com.br